

O CONCEITO DA CRISE

O homem é a consciência da crise (*crisis*), pois a somos quando nos erguemos da animalidade, quando em nós ela se torna consciência. A própria consciência é condicionada por ela, pois, para afirmar-se, precisa separar, para marcar a nitidez do que é, e do objecto sôbre o qual ela realiza o pleno exercício de si mesma. Ela precisa separar, ela precisa realizar a *crisis*.

Quando meditamos sôbre ela, um longo caminho se abre aos nossos olhos, desafia a nossa argúcia, apela à nossa inteligência, porque há problemas por solucionar, perguntas por responder, dúvidas que não podemos tolerar mais.

Quando se deseja precisar com nitidez o seu conceito, para colocá-lo nos diversos planos e esferas que nos permitam uma análise decidualéctica, para empreendermos uma busca nos diversos sectores, por entre planos, esferas e campos, aquêle conceito desafia a nossa argúcia. E' preciso enfrentá-lo.

Que nos diz, que nos aponta esta palavra? De início, uma acção de separar. Em qualquer esfera que nossas investigações se processem, lá encontramos a acção de separar. Na esfera físico-química (dos corpos chamados brutos), na esfera biológica (dos corpos chamados vivos), na esfera psicológica (lá onde lampeja um psiquismo e brilha um pensamento), na esfera histórico-social (onde há a presença do nosso semelhante), em tôda a parte a separação se instala. Mas, não só a separação; pois, como se poderia afirmar a separação sem al-

guma presença unitiva? Como surgiria a acção de separar se não existisse o que une?

A idéa de *crisis*, para os gregos, e a acção que realiza o acto de separar, de escolher, *krisó*. Se seguirmos as providências da decialéctica para examinar êste tema, que tanto afflige o homem moderno, devemos iniciar por esclarecer o conceito, colocando-o em seus planos.

Na *crisis*, há uma separação, e separar é abrir distância entre pares; ela *se-para*. Mas a distância exige um *entre* os separados.

E quando, no mundo corpóreo, separamos os sêres, nós os distanciamos. E a distância (mostra-nos a experiência) pode ser aumentada, e é ela gradativa, pois pode ser maior ou menor, afastar-se mais ou menos. Portanto, no conceito de *crisis*, temos sempre um "afastar" das coisas, um acto de "distanciá-las" umas das outras.

Mas também realizamos separações além do mundo físico, realizamos separações mentais. Se quiséssemos separar o verde das penas daquele pássaro não o poderíamos realizar fisicamente. Mas podemos pensar nêle, e ter a imagem daquele verde aveludado. E mesmo que os olhos vejam tantas coisas, uma imagem do verde, sem representação, surge em nós, vendo-a sem a ver.

Nossa imaginação, essa capacidade de ordenar imagens, pode reunir seqüências de situações vividas pela rememoração, ou de cenas que não vivemos na sua ordem, mas que são sempre compostas das pequenas experiências de que está cheia a nossa vida.

Chama-se abstracção, o acto de separar, no espírito, o que não é separável no mundo físico. E' ainda *crisis*.

E assim como podemos memorizar o verde daquele pássaro, podemos, numa imagem sem representação, pensar sobre o verde. Não êste nem aquêle, mas o verde, a *forma* verde, a forma que separamos de todos os verdes conhecidos, mas que

está também nos verdes que os olhos já viram: a formalidade do verde, o conceito do verde. Ainda *crisis*.

Se entre as coisas que separamos fisicamente, estabelecemos distâncias maiores entre elas, também estatuímos distâncias em tudo quanto pensamos separadamente.

Há uma distância entre a separação física, como há uma distância nas separações mentais. Mas, enquanto as primeiras se dão no tempo e no espaço, e podemos medi-las, as mentais não se dão no espaço, dão-se em nós, além do espaço, e vencendo até o tempo, porque podemos revertê-las do passado para o presente, colocá-las independentemente da ordem cronológica, vivendo-as num instante que torna presente o pretérito, sem distâncias espaciais, tópicas, porque, no mundo das idéias, estas estão implícitas em outras ou de outras afastadas, sem que estejam aqui ou ali.

E uma idéia, que está implicada em outra, podemos ainda separá-la mentalmente, examiná-la, descrevê-la, sem nenhuma separação espacial.

E assim funciona o nosso espírito, realizando tais separações, tão diversas das separações do mundo físico. E ainda é *crisis*.

E essa *crisis* realiza a crítica, a análise das idéias, pela separação de umas das outras.

Aquêle relojoeiro tem nas mãos um mecanismo prodigioso, que é sempre um encanto para os olhos e para a inteligência. Ele o abre, com o domínio dos dedos, serenamente, e vai separando peça por peça. Ei-lo agora decomposto em suas partes. Tudo é inerte sobre o pano de côr verde-claro. No entanto, ainda há pouco, tudo aquilo estava junto, e movia-se num simulacro de vida. E acompanhava o tempo, e o indicava. Moviam-se aquelas peças, pondo em movimento outras. A maravilha, que encantava os olhos e a inteligência, parece morta agora.

E se dali nos afastássemos, certamente levaríamos em nós uma insatisfação. E' que aquelas peças, agora separadas, parecem protestar dentro de nós, solicitando o retôrno à unidade, que antes formavam. Há em tudo isso um sabor de profanação. E, em nós, há um apêlo a essa ordem que antes dominava, ordem potencial em cada uma daquelas peças, que a mão sábia do relojoeiro poderá novamente reunir.

Essa insatisfação acompanha a *crisis*.

O espírito humano dissocia, separa, afasta, distancia, e sente-se insatisfeito. A insatisfação cresce, aumenta, avassalada, à proporção que abrimos e alargamos as distâncias.

Por isso, vivendo n *crisis*, somos e estamos insatisfeitos.

Se separamos as coisas fisicamente umas das outras, alargando as distâncias, sentimos que entre elas se estabelece um *entre*, que aumenta à proporção que as distanciamos. Mas que é esse *entre*?

Dizemos que se intercala em uma coisa distanciada de outra um espaço. Um espaço que aumenta ou diminui. Mas o espaço, em si mesmo, não aumenta nem diminui. O que aumenta e diminui é a distância no espaço.

Não é essa distância um nada. E' um ser relacional, que se forma pela referência dos dois têrmos separados. E há uma distância entre todos os corpos, porque todos se separam. As unidades formadas distanciam-se mais ou menos umas das outras. E essa distância não é "nada", porque é alguma coisa, e porque é alguma coisa tem um ser, e é um ser. Mas também são sêres os têrmos que se distanciam. E o que há entre êles? Uma distância que aumenta ou diminui. Mas o espaço compreendido, é apenas um vazio? Se despojássemos o mundo de tôdas as coisas corpóreas, restaria apenas um grande vazio?

Pode a nossa razão, em sua acção despojadora, e que é ainda *crisis*, distanciar as coisas umas das outras, a ponto de parecer que entre elas se intercala um nada.

Mas o nada é impossível. O nada *não pode*, porque o nada não é ser. E se o nada é nada, como marcar limites?

Examinemos bem êste ponto. Quando vemos as coisas do nosso mundo exterior, notamos que elas marcam fronteiras mais ou menos nítidas, umas em relação às outras. Esta mesa, onde escrevo, é uma unidade criada pela mão humana, um artefacto, um objecto do mundo da cultura. A madeira, que é da natureza, tomou uma forma que lhe deram a inteligência e a acção humanas. E' um todo feito pela arte, pela técnica, que é sempre assistida pela inteligência, e que dá um fim, um outro fim às coisas da natureza. Um ser é da natureza onde surge, mas o homem dá-lhe uma figura, dá-lhe uma proporcionalidade intrínseca e extrínseca, destinando-o a um outro fim, extrínseco aos fins da natureza, e constrói, com a marca do seu espírito e da sua habilidade, um ser da cultura. Êle aqui está distante de mim. E marca sempre uma distância, embora minhas mãos o toquem e meus olhos o vejam. E' êle um todo que de mim se separa. E separa-se daquela cadeira e separa-se das paredes desta sala.

Meus olhos pousam agora sôbre uma árvore que emerge do solo. Ela também se separa de mim, e se separa daquele céu azul, separa-se da terra onde imergiram suas raízes. Nítidamente, vejo o seu tronco erecto, distanciada de tôdas as outras coisas.

Mas vejo, quando me ponho a meditar, que a separação entre mim e aquela árvore, e entre ela e a terra e o ar, apresenta uma nitidez diferente. E' que se penetrar em suas raízes, já não saberei onde termina a árvore e começa a não-árvore, porque, pergunto: é aquela árvore algo que se distancia tanto daquela terra úmida que cobre as suas raízes? Onde está o seu limite e o da atmosfera que a circunda?

Desde logo sinto que há distâncias e distâncias. E preciso distanciar uma das outras para poder estudá-las, analisá-las. Tudo isso é ainda *crisis*.

Os seres se delimitam uns ante os outros. Mas êsse limite é o que os separa. Mas o limite desta mesa é o limite dela, e o limite também do que não é ela. E a distância entre a mesa e a não-mesa, pergunto, como é? E como é essa distância entre a árvore e a não-árvore? Que se intercala entre elas?

Ou um ser ou um nada. De qualquer forma, a não-árvore. Se é nada, há um vácuo entre ela e o que não é ela. Se é ser, deve ter um limite, e a minha pergunta nunca mais terá fim.

Portanto, eis que me assalta agora um problema que preciso enfrentar. Ao estabelecer, pela *crisis*, a crítica da *crisis*, descobri o limite, e êste, que se marca na distância do que é e do que não é, desafia-me agora, porque, se o afirmo como ser, êle me pede um limite e, êste, um ser, e, êste, um limite, e não terei fim nesse perguntar.

Mas se eu colocar diferentemente a pergunta talvez encontre outras soluções, e talvez novas perguntas. De que é o limite? De que é, ou de que não é? E' da árvore ou da não-árvore? Se é da árvore, é constitutivo dela. Se não é dela, é da não-árvore, e será constitutivo desta. De qualquer forma, êle se coloca como sendo de um dos termos que se separam. De per si o limite não é; pois o é dêste ou daquele ser.

Se examino esta mesa, vejo-a com limites nítidos que a separam das outras coisas. Mas compreendo, ademais, que o limite desta mesa é também o de tudo quanto não é esta mesa. Assim, marca êle a fronteira da mesa, o até onde ela é ela, e o até onde o que não é esta mesa é não-ela. Dessa forma, o limite, que pertence a um, pertence também ao outro. Portanto, o da mesa é da mesa e também não é dela, porque é de tudo o mais que não é a mesa.

Estou em face de uma contradicção? Afrontarei assim as regras da Ontologia (ciência do ser) e da Lógica? Vejamos se realmente tal se dá.

O LIMITE

Poder-se-ia dizer que o dimensional tem limites, e é dimensional tudo quanto é *dimensionivo*, de *mensura*, tudo quanto é medível extensivamente. Encontramos em Avicena uma definição: "O limite é o *pelo que* a coisa quantitativa atinge e lugar que ela não pode ultrapassar".

Todo o ente, no nosso mundo tempo-espacial, é delimitado por si e pelos outros, que não são êle. E' o que delimita uma coisa de outra, o que separa uma coisa de outra, o que separa esta coisa de outra-coisa. Por isso, o limite não é apenas o não ser da outra coisa, que é outra de a que é limitada, mas é limite de uma e de outra. Desta forma, ambas participam, no limite, de algo que lhes é comum. Assim, portanto, o que separa as coisas é tanto de uma como de outra. E como o limite não é um ser em si, mas um ser em outro, as coisas que se limitam, têm, nêle, um ponto em que se encontram, porque êle é de uma ante a outra; da primeira ante a segunda, como da segunda ante a primeira. No limite, começa o não-ser de uma coisa. Mas também aí, onde começa o não-ser, é o termo do ser de outra. E, desta forma, o limite é do ser de uma coisa e também é o comêço do seu não-ser.

Portanto, o conceito de limite é um conceito dialético, pois afirma e nega, pois afirma um ser e nega-o, afirmando o outro, que não é êle. Mas não há, pròpriamente, contradicção formal, porque o limite de uma coisa é o ponto que indica onde ela termina. E poderia ela terminar senão ali onde ela, mais adiante, não seria ela? Neste caso, o limite separa a coisa do que é ela, sem que afirme que a coisa é o que não é ela, mas apenas aponta o que dela se separa. Portanto, o limite é, ainda, *crisis* (1).

Mas o limite realiza uma mediação, pois êle se intercala entre o que é alguma coisa, aqui e agora, e o que não é êsse alguma coisa. O limite estabelece, assim, uma diferença ime-

(1) Mais adiante examinaremos noológicamente (na esfera do espírito) o conceito de limite.

diata. Esta coisa é alguma coisa dentro dos seus limites, mas extrinsecamente não é mais nada, porque o limite marcaria o não ser também de uma coisa (o deficiente, o que lhe falta), pois o que lhe é extrínseco é outro que ela. Mas, também, para êste, êle tem o mesmo significado, pois êle se intercala entre ambas coisas para apontar a uma e a outra o que não é ela, e afirmar o que elas são. Aqui, uma cessa de ser, e a outra começa a ser. Coincidem, assim, as coisas separadas no limite, pois, nêle, cada uma deixa de ser o que é, e cada uma começa a ser o que é. Êle está onde começa o não-ser de cada uma, e onde começa o ser de cada uma.

E' o ponto de fusão de uma contradicção, que não nega o princípio fundamental ontológico, mas que afirma também o que recusa, pois negar é sempre um recusar, afirmativo portanto. Se êste ser não tivesse limite seria naturalmente ilimitado. E, neste caso, não diferiria do "outro".

E o que o determina, que é êle e não o outro, é o limite, que os separa. Ê é êle que os separa, mas entre o de um e o do que não é êle, não há diastema, como diziam os gregos, uma distância, porque uma coisa cessa de ser ela, no limite em que ela o alcança com o seu ser.

Portanto, o que não é ela está imediatamente ao lado dela, e nenhuma distância pode haver, porque a própria distância, se houvesse, já seria o outro que não é. Portanto, uma coisa cessa de ser a si mesma, no precípua ponto que alcança o seu ser.

Não é o limite que nos permite dizer o que uma coisa é? E sem os limites, como poderíamos distinguir os sêres? E se cada coisa é o que é, por seu limite, é também por êle que ela deixa de ser outra. Êle afirma-a e também lhe barra um além, porque lhe nega um além, que êle também afirma. E a forma também não limita as coisas? Não é só o limite da figura que as delimita, mas também a forma a limita pela sua razão formal.

O homem é delimitado pela forma humana, pela razão intrínseca de ser homem.

E não só as coisas do mundo corpóreo conhecem limites. Também os conhecem os conceitos e as idéias, pois elas sempre têm um que as separa de outras, que as delimita, que as afirma, e afirma o que não é nenhuma delas.

Êle, assim, instala-se em tôdas as coisas finitas, pois tôdas elas têm limites.

E se o ser universal é único, êle não os sofre, porque onde há ser, está o ser, e não há outro além dêle. Mas aqui surge um problema de filosofia: o limite ou é dado extrínseco ou intrinsecamente pelas coisas? Seria a circunstância ambiental, que rodeia os corpos, o limitante de um corpo? Não haverá uma razão intrínseca nos corpos que o ubiquam em seus limites? A presencialidade ontológica de um corpo está na razão interna de si mesmo, ou na circunstância ambiental que o cerca?

Não há uma estância do ser em si mesmo, distinta do lugar que êle ocupa? Não cometeríamos um grave êrro se os confundíssemos?

Todo o ser tem uma consistência, e um ser corpóreo tem uma consistência e uma subsistência, que formal e materialmente o compõem.

Mas todo ser corpóreo, por sua vez, ocupa um lugar no espaço, e dá-se no tempo. E essa maneira de ser e de existir marca-lhe um limite.

Mas o estar aqui e ali não consiste na circunstância extrínseca de estar precisamente aqui e ali apenas. Esta mesa não é apenas ela porque está rodeada por êsses corpos, nem porque ocupa êste lugar, pois poderia ocupar outro, sem que a sua estância intrínseca fôsse mudada.

Essa intrinsecidade dos sêres é importante e deve ser considerada para que melhor compreendamos os limites.

Não é a superfície últimas dos corpos que marca a sua intrinsecidade, mas sim a *razão* que lhe dá a proporcionalidade

interna. O espaço, que ocupa, lhe é extrínseco, porque o que lhe é intrínseco é a sua forma, que é interna, enquanto a figura é a sua forma extrínseca, a que surge aos olhos, aos sentidos, enquanto a outra é captável apenas pela inteligência. E quando dizemos que este corpo está aqui ou ali, sentimos claramente que o lugar que ocupa lhe é extrínseco, e que tem uma presencialidade que dêle se distingue. Por isso pode ocupar outro lugar, sem que sofra uma mudança na sua forma, que é a sua presencialidade intrínseca. Aquêlo rochedo, que emerge do fundo do mar, ocupa sempre o mesmo espaço, mas notemos que as águas que o cercam são sempre outras, levadas pelas correntes marítimas.

A estância, portanto, do rochedo, não depende das águas que o cercam. O mesmo se dá com aquêlo pedaço de madeira que as águas carregam. É fácil compreender agora que há um limite extrínseco da figura e um limite intrínseco, que é o da forma. Ambos, porém, separam. E isso é *crisis*.

* * *

Encontramos no limite, um apontar da *crisis*, que surge em todos os existentes finitos. A consciência dela, que em nós se avoluma, é um tema importante que apela ainda para muitas divagações.

Das observações que fizemos acima, verificamos que o limite pode ser considerado como o ponto em que cessa de ser o ser de alguma coisa. E como as coisas do mundo corpóreo têm uma forma extrínseca, que é a figura, esta apresenta o limite estereométrico, o da sua última superfície.

E como têm uma forma intrínseca, que é realmente a razão da coisa, a lei de proporcionalidade intrínseca, que lhe dá a unidade, apresenta um limite, que é o da forma, da quiddidade, do *quid* da coisa, que nos transparece na definição, que é a delimitação formal de um conceito.

Há, ainda, as fronteiras que o não-ser esta coisa estabelece, tangendo-a imediatamente; a fronteira do não-ser, que é simultaneamente o limite da figura.

Podemos esquematizar:

limite:

- figurativo
- formal
- ambiente-circunstancial

Quando nossos olhos se pousam sobre as coisas que de nós se distanciam, algo do mistério do mundo parece querer revelar-se. Aquêlo quadro, cercado pela moldura, prêso àquela parede, imóvel e imobilizado, sem um protesto, dá a impressão da amargura de quem aceita o seu destino.

Antropomorfizamos as coisas, quer queiramos ou não. Mas nesse antropomorfismo não há uma violência feita às coisas, porque, no nosso sentir, há uma profunda analogia entre a nossa afectividade, o nosso perscrutar as coisas, e o que as coisas são.

Aquêlo retângulo de madeira e pano, onde a mão do artista traçou os sinais do ímpeto criador, algo que se isola, separa-se, só, eminentemente só, e único, imerso na sua unicidade, que é sempre solitária.

Mas nós sofremos, quando nos sentimos sós, únicos, na nossa unicidade, separados por um abismo de todos os outros, famintos de uma fusão, de algo que nos una, mas sentindo, após as nossas embriaguezes, em que coincidimos com os outros, a irremediável desilusão, e a certeza não desejada de que há algo em nós, cuja sombra jamais se fundirá com as sombras dos outros. Há sempre um outro, e nós. Temos consciência desse limite.

As coisas também sofrem dos seus limites, mas caladas, intrinsecamente caladas, silenciosas até ante si mesmas, porque, nelas, não há um eu que perscrute a si mesmo. Nelas há o silêncio; tremendo e inelutável silêncio. Mas nós o ouvimos,

porque se elas calam intrinsecamente, falam, contudo, uma linguagem que nos toca ao coração.

E a *crisis* se agrava se aceitarmos essa separação como irremediável, um abismo insuplantável, traçado entre nós e os outros. E, não podemos negar que sentimos que se pudéssemos vencer essa separação, algo em nós se iluminaria.

Um quarto limite foi traçado aqui, além dos três primeiros.

E' o limite da individualidade. Cada coisa que se individualiza é de per si um limitar-se a si mesma ante os outros. A incomunicabilidade da sua unicidade, que apenas formalmente, e por analogias afectivas podemos captar, é um limite que traça a si mesma e aos outros. Mas as coisas ignoram essa situação. Em nós, porém, ela se torna consciência, porque, em nós, agravamos as distâncias, e a *crisis* é mais profunda.

E' que há em nós um eu que perscruta o limite que lhe dá a individualidade, e que limita o eu que busca ultrapassar esse limite, e que dêle não se satisfaz, que dêle sofre, e por êle sofre.

Portanto, um quinto limite surge súbitamente em nós.

O limite do eu ante o limite da individualidade. Sim, o eu tem um, e tanto o tem que sentimos que a individualidade o limita. Se ela o limita, o desta é também o do eu, porque, como já vimos, o limite é sempre um dúplice apontar de um outro para outro.

Tomamos consciência da nossa individualidade através do eu. Mas acaso o eu não toma consciência de si mesmo quando toma consciência da individualidade? Não há aqui uma consciência da consciência? Um saber que sabe que sabe? E não há em nós algo que sempre se coloca além de todo o nosso conhecimento, algo que conhecemos, sempre distante, sempre cada vez mais distante, que marca uma presença que sempre se separa de tudo quanto delimitamos, pois conhecer é sempre delimitar? E esse saber de um saber que se distancia, logo que traçamos um limite, não é um grande ilimitado que constantemente evita prender-se dentro dos limites?

E dessa forma, entre os limites de todo o nosso conhecer, não há sempre em nós, algo que conhece, que os vence, porque dêles não se deixa apreender? E que sempre se separa, distante, sempre o mesmo?

Ainda é *crisis*. Mas é também já um apontar de uma vitória que vivemos em nós.

O leitor, ao ler estas páginas, pode tomar consciência de que lê estas páginas. Não se desdobrou agora? E não pode tomar consciência de que se desdobrou nesse momento em que toma consciência que lê estas páginas? E que sente em tudo isso? Que algo nêle é rebelde a prender-se em limites. Algo que os estabelece, mas que não quer limitar-se, e que sempre escapa a tôda a limitação, algo que em nós é ilimitado, algo que em nós afirma uma vitória sôbre tudo quanto estabelece uma fronteira, porque vence e ultrapassa as fronteiras.

Todos êsses limites são ultrapassados por algo que sempre se distancia dêles, e que não os aceita como os seus limites. Ainda há *crisis* aqui, mas surge ante os olhos uma promessa de vitória.

Portanto, há uma razão para não desesperar. Mas é preciso encontrar o caminho prometido.